

COMÉRCIO INTERNACIONAL DO PETRÓLEO

A indústria petrolífera internacional realizou em 1952 uma tarefa que, alguns anos atrás, parecia irrealizável: abastecer o mercado mundial, sem o petróleo do Irã. Quando, em março de 1951, o petróleo desse país foi nacionalizado, participava ele apenas com 6 % da produção mundial, mas com 16 % do volume do comércio internacional, ocupando posição preponderante no mercado europeu. A refinaria de Abadan — a maior do mundo, com capacidade de 500 000 barris diários — permitia a exportação de 2/3 do petróleo extraído do subsolo do Irã, sob uma forma de utilização imediata.

Já em 1951, a produção do país diminuía para a metade (16,7 milhões contra 32,3 milhões de t em 1950), e em 1952 reduziu-se ainda mais. No primeiro trimestre do ano passado somente 374 000 t foram extraídas. A exportação caiu a uma quantidade insignificante. Pela primeira vez em quase meio século, o Irã não figura entre os grandes fornecedores de combustíveis líquidos.

O fato de que o petróleo do Irã pôde ser substituído sem acarretar sérias dificuldades aos consumidores resulta da coincidência de vários fatores. Em primeiro lugar, o acúmulo de grandes estoques feito por inúmeros países, ao iniciar-se a guerra na Coreia, atenuou os inconvenientes da transição. Em seguida, a conjuntura econômica mundial, estacionária, determinou uma procura suplementar menos aguda que nos anos anteriores. De 1946 a 1951, a produção mundial de petróleo dobrou, não sendo, contudo, suficiente para saturar o consumo. No ano passado atingiu-se certo equilíbrio, e, sem as crescentes necessidades para o armamento, sinais de superprodução provavelmente já se haveriam manifestado no mercado internacional.

O terceiro fator — o mais importante — foi o acréscimo contínuo da produção em certos países em que a quase totalidade da produção é exportada: a Venezuela, no Hemisfério Ocidental, e sobretudo dois novos produtores no Oriente Médio — Arábia Saudita e Kuwait. Embora a Venezuela, com uma produção de 90,9 milhões de t em 1951 e de 48 milhões no primeiro semestre de 1952, continue a ser o maior exportador do mundo, os dois outros países já se encontram, em virtude de sua situação geográfica, em melhor situação para tomar o lugar antes ocupado pelo Irã no comércio internacional de petróleo.

NOVOS PAÍSES EXPORTADORES

O petróleo da Arábia Saudita é explorado pela Arabian American Oil Co. (ARAMCO), que recebeu do rei Ibn-Séoud em 1936 uma concessão exclusiva para toda a parte oriental do seu país. A ARAMCO foi criada por duas companhias americanas: Standard Oil Co. of California e Texas Co. A exploração desta imensa concessão se fazia antes da guerra em escala muito pequena, quase experimental, seja porque a conjuntura econômica era pouco favorável, seja porque se necessitavam grandes capitais para fundar uma indústria importante em pleno deserto.

Foi somente durante a guerra mundial, quando o Oriente Médio entrou também politicamente na órbita dos Estados Unidos, que a indústria petro-

lífera americana passou a uma ação de grande envergadura na península arábica. As duas companhias mais poderosas do antigo grupo Standard Oil — Standard Oil Co. of New Jersey e Socony Vacuum Oil Co. — prestaram à ARAMCO concurso financeiro, garantindo 102 milhões de dólares de um empréstimo bancário, no total de 227,5 milhões. Além da instalação dos campos de petróleo e de uma importante refinaria em Ras Tanara, perto do Golfo Pérsico, foi iniciada a construção de um oleoduto de 2 mil quilômetros através da Arábia até o Mediterrâneo. Os investimentos totais subiram logo a 350 milhões de dólares.

Entretanto, os resultados compensaram rapidamente este esforço. A produção petrolífera da Arábia Saudita aumentou em progressão geométrica: de 0,8 milhões de t em 1943 a 3,4 milhões em 1945 e a 14,3 milhões em 1947. Em 1950 ela se aproximava, com 26,6 milhões de t, da do Irã, e em 1951 figurou com 37,1 milhões, isto é, em primeiro lugar entre os países do Oriente Médio. No ano p. findo, deverá ter ultrapassado amplamente os 40 milhões. Embora todo o equipamento técnico e grande parte dos viveres sejam importados, o custo da produção é relativamente baixo, graças à produtividade extraordinária dos poços de petróleo e aos modestos salários dos operários. Assim, os preços são também relativamente baixos: o preço FOB do petróleo cru árabe é, sem modificações há dois anos, de 1,75 dólares por barril, enquanto nos Estados Unidos custa 2,65. Contudo, os lucros da ARAMCO são apreciáveis. A receita líquida da companhia concessionária em 1951 ultrapassou 200 milhões de dólares, dos quais 50 % tornam como "royalties" ao governo do rei Ibn-Séoud.

O petróleo da Arábia Saudita teve um rival sério no do Kuwait — pequeno sultanato sob proteção britânica, situado às margens do Golfo Pérsico, entre a Arábia Saudita e o Irã. O minúsculo território de 5 mil quilômetros quadrados, com uma população (em 1950) de 130 mil hab., cuja quase totalidade habita a capital, vivendo ainda há alguns anos numa espantosa miséria, está a ponto de tornar-se um dos mais ricos países do mundo, levando em conta naturalmente suas dimensões e o número de habitantes. A riqueza em petróleo de seu subsolo parece ultrapassar a dos países vizinhos. Os geólogos atribuem à Arábia Saudita 0,8 bilhão de t de reservas, ao Irã e ao Iraque, cada um, 1 bilhão, mas ao Kuwait 1,5 bilhões.

Estas enormes jazidas não existem apenas, como muitas outras, nas cartas geográficas: encontram-se já em plena exploração. A produção petrolífera do Kuwait, iniciada em 1946 com 0,9 milhão de t alcançou em 1950 17,3 milhões, passando em 1951 a 28,2 milhões, e a 18,5 milhões no primeiro semestre de 1952. Nos últimos meses, tomou um desenvolvimento tal que se espera alcance ou mesmo ultrapasse no ano em curso o da Arábia Saudita. O petróleo do Kuwait é explorado em comum pela Anglo-Iranian Oil Co. e por uma sociedade americana, pertencente ao grupo Mellon — a Gulf Oil Co. Graças sobretudo ao petróleo do Kuwait, a Anglo-Iranian, após a perda de suas propriedades no Irã, pôde ainda acusar uma produção, sob seu controle, de 20 milhões de t.

Entre os novos países produtores de menor envergadura, o mais promissor parece ser o Clater, igualmente situado no Golfo Pérsico, mas ao

sul dos grandes campos de petróleo da Arábia Saudita. A produção insignificante, há alguns anos, alcançou em 1951 a cifra de 2,4 milhões de t, e no primeiro semestre do ano passado, 1,6 milhões. Em compensação, as Ilhas de Bahrein, perto da costa oriental da Arábia, onde se supunha existirem grandes riquezas petrolíferas, não tiveram até agora o desenvolvimento esperado. Sua produção permaneceu estacionária desde 1948, com 1,5 milhões de t por ano.

Neste giro de horizonte através dos países do Oriente Médio, cabe salientar o vigoroso reinício das atividades petrolíferas no Iraque. Este país, junto com o Irã, o decano dos países produtores daquela região, continua a viver, em relação ao petróleo, sob o regime dos acordos concluídos após a primeira guerra mundial, entre os Aliados e a Turquia, e que levaram em 1925 à constituição de uma companhia interaliada — a Irak Petroleum Co. O Capital desta sociedade está distribuído em partes iguais (23,75 %) entre duas grandes companhias inglesas, a Royal Dutch-Shell e a Anglo-Iranian Oil Co., um grupo americano composto da Standard Oil Co. of New Jersey e da Socony Vacuum, e a Companhia Francesa de Petróleos, enquanto o resto do capital pertence ao concessionário original, o armênio. Gulbenkian.

Após a construção do grande oleoduto através do deserto sirio, que desemboca nos portos mediterrâneos de Haifa e Trípoli, a produção do Iraque transformou-se numa das mais importantes fontes de abastecimento do mercado europeu, particularmente da França. Mas as perturbações políticas e militares nos países orientais, durante e depois da segunda guerra mundial, reduziram consideravelmente o volume e sobretudo a regularidade da produção. O ramo meridional do oleoduto que conduz a Haifa, assim como a refinação nesta cidade, estão até hoje interrompidos. Entretanto, em 1951, o ramo setentrional funcionou bem, o que permitiu elevar a produção a 8,6 milhões de toneladas (contra 6,6 milhões em 1950). A construção de um novo oleoduto, a Banias (Síria), que acaba de ser concluído, facilitará o aumento da produção, desde que não se renovem as recentes perturbações no Iraque, e o movimento em favor da nacionalização do petróleo não aja em sentido contrário.

AMÉRICA LATINA E ÁSIA

Somando a produção dos países referidos e a de alguns outros de menor importância do Oriente Médio, chega-se em 1951 a um total de 94,6 milhões de t, contra 86,0 milhões em 1950. O acréscimo foi portanto de 10 %, enquanto nas outras regiões do mundo a proporção atingiu 13,7 %. A diferença não é grande, por conseguinte, apesar do sensível decréscimo da produção do Irã. No ano passado, com a suspensão quase absoluta da produção do Irã e a impossibilidade de importação do petróleo iraniano, o aumento do fornecimento proveniente do Oriente Médio terá sido provavelmente menos forte, verificando-se o mesmo em relação a outras partes do mundo.

Quanto ao futuro, parece fora de dúvida que o petróleo do Oriente Médio continuará a ser uma das fontes principais do mercado mundial.

Abrangendo 42 % das reservas mundiais conhecidas, em situação pouco cômoda, mas acessível, os campos de petróleo do Oriente Médio constituem não só o grande centro de abastecimento da Europa, à qual fornecem 75 % de suas necessidades, como também uma reserva suplementar para a América.

Os Estados Unidos são o maior produtor e também o maior importador de petróleo do mundo. Em 1951 importaram 29 milhões de t, enquanto suas exportações não atingiam sequer a 5 milhões. Uma parte crescente de suas importações proveio do Oriente Médio, em particular da Arábia Saudita. A expansão das companhias americanas nesta região estimula naturalmente as trocas comerciais entre o Oriente Médio e a América do Norte, e o pronto pagamento em dólares age no mesmo sentido, visto que os clientes europeus pagam, em geral, o petróleo que importam em moedas não conversíveis.

Com uma produção exportável de cerca de 100 milhões de t, os países do Oriente Médio fornecem 45 % de petróleo que entra no comércio internacional, enquanto 50 % provêm da América Latina e os restantes 5 % principalmente da Indonésia e do Bornéu inglês. As posições da América Latina e da Ásia são mais ou menos iguais no momento, sendo provável que esta última ganhe a preponderância se os países sul-americanos, cujas reservas ainda não foram utilizadas, como é o caso do Brasil, não multiplicarem sua produção.

SRS. DIRETORES DE EMPRESAS ESTRANGEIRAS:

Em benefício de suas operações no Brasil e das relações internacionais de nossos países, cooperem com a FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, que procura difundir informações mais exatas de nossa realidade econômica, adquirindo exemplares do número especial, em inglês, de CONJUNTURA ECONÔMICA, a fim de distribuí-los em seus países de origem.